

Surto de “lagartos do fogo” ao Deus dará

» Desde que se soube da presença do lagarto “Agama Agama” (lagarto do fogo) entre nós, os biólogos alertaram para o perigo que esse réptil pode representar para o nosso ecossistema, já que são predadores de espécies endémicas. Os bichanos chegaram em cargas de madeira importadas do continente africano. Alguns anos depois de serem detectados, e apesar do alerta, pouco ou nada se sabe do assunto.

■ Carla Gonçalves

A situação que foi descoberta em 2009 pela investigadora Raquel Vasconcelos do CIBIO (Universidade do Porto) e apresentada posteriormente como grave pelo biólogo Evandro Lopes (edição 187 deste jornal, de 31/03/2011), hoje parece relegada ao esquecimento. Os lagartos lagartos do fogo (Agama Agama) chegaram e já se instalaram. Técnicos e investigadores não sabem, por exemplo, qual o número existente em Cabo Verde nem a velocidade da sua proliferação.

De acordo com um artigo publicado pelos investigadores Raquel Vasconcelos, Evandro Lopes e Bruno Martins, há no mínimo cinco “populações” desse lagarto em Cabo Verde, em três ilhas diferentes, neste momento: Santo Antão (uma), São Vicente (duas) e Santiago (duas). “O tamanho de cada população é desconhecido em

Santo Antão, mas ela é superior a 30 em Santiago e inferior a 100 em São Vicente”, dizem.

Tendência

Em Santiago, por exemplo, e de acordo com o relatório do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA), de 2011, dos 18 locais inspeccionados, constatou-se a presença desses lagartos ao redor de duas empresas de importação de madeira: SICOR, na Achada Grande Trás, e SOMACO, Achada São Filipe (todas na Praia). Tratando-se de empresas que fazem entrar os seus produtos através dos portos, nenhum desses lagartos foi contudo encontrado no Porto da Praia.

“Estimava-se que a população de Achada de São Filipe ultrapassasse duas centenas, tendo em conta o número de machos dominantes encontrados. De acordo com a bibliografia,

©Raquel Vasconcelos



Primeiro exemplar do lagarto encontrado em Santo Antão em 2009

Raquel Vasconcelos em Santa Luzia num trabalho de campo para a sua tese de doutoramento

cada macho dominante associa-se a uma população de cerca de 20 fêmeas/juvenis. Prevê-se também que tenham uma tendência de aumento, pois, durante os inventários de campo, várias fêmeas foram encontradas em fase de reprodução”.

Ainda no relatório se afirma que na Achada Grande Trás não foi possível determinar o tamanho populacional dos referidos répteis, dado que a empresa

ali baseada está inserida num bairro onde o animal encontra um amplo abrigo, dificultando a sua observação, embora se acredite que seja mais baixa do que na Achada de São Filipe.

Falta de verba

Contactado por A NAÇÃO, o biólogo Evandro Lopes, que em 2011 alertou para o perigo da proliferação e dizimação de



©Raquel Vasconcelos

Evandro Lopes lamenta que as investigações não avançaram por falta de financiamento



espécies endémicas em Cabo Verde, afirmou que ele e os seus colegas recolheram amostras várias, mas não têm feito o acompanhamento desejado do surto. “Não o temos feito porque não conseguimos financiamento do MDR (Ministério do Desenvolvimento Rural). Apanhámos um agora, na empresa EuroÁfrica, a 1 km do local onde havíamos recolhido a

amostra”, revela.

Já a investigadora Raquel Vasconcelos alerta que quando se detecta uma espécie exótica potencialmente invasora deve-se actuar o quanto antes possível. “Está provado que quanto mais tarde se actua menor a probabilidade da erradicação da espécie ser bem sucedida e maior a quantidade de dinheiro que se gasta nessa erradicação”.

É nessa onda que os biólogos cabo-verdianos recomendam o extermínio dos “agama agama” antes que o “mal”, se assim se pode dizer, se propague ainda mais, inclusive por outras ilhas.

Raquel Vasconcelos insiste nos impactos negativos causados pelos “agama agama” junto das espécies nativas. “Existe o risco da predação directa, competição por alimento, refúgio, hibridação ou outros efeitos genéticos, a dispersão de doenças e parasitas, e envenenamento através de glândulas dérmicas tóxicas ou mordeduras venenosas”.

Isso tudo, refere Vasconcelos, pode ainda alterar o habitat das espécies nativas e a dinâmica dos ecossistemas locais. “Estes efeitos são especialmente perigosos quando ocorrem em ilhas, onde o número de espécies endémicas é mais elevado e os ecossistemas são mais vulneráveis a introduções”, acredita.

Alerta

Aquela investigadora alerta ainda que, mesmo em se tratando de uma espécie que se alimenta principalmente de

insectos, também consome juvenis da própria espécie, pequenas serpentes, aves e mamíferos, logo, pode ter impacto em várias espécies endémicas de Cabo Verde não só de invertebrados como também de vertebrados. “Nenhum estudo foi feito relativamente à dieta das populações introduzidas em Cabo Verde para medir este impacto”, afirma.

E quanto à competição por alimento, refúgio e dispersão de doenças e parasitas, Vasconcelos diz que, por agora, as espécies nativas estão controladas, dado que as populações introduzidas se encontram, de momento, “confinadas a áreas humanizadas, mas não se pode prever o que poderá passar se estas se expandem para outras áreas. Por último, como não existe em Cabo Verde outras espécies do Agama, o risco de hibridação não se aplica neste caso”.

Tentamos contactar o INIDA, o MDR e a Direcção-Geral do Ambiente para verificar os dados, saber o avanço das investigações e o que se têm feito para erradicar esses lagartos invasores nas ilhas mencionadas pelos investigadores, mas sem sucesso. ☞